



## **A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940)<sup>1</sup>**

Christina Ferraz Musse<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

**Resumo:** O trabalho visa a analisar o papel da imprensa na formação dos núcleos urbanos brasileiros, na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Para tanto, exemplifica o caso da cidade de Juiz de Fora, no Sudeste Mineiro, onde os jornais tiveram expressivo papel para a consolidação do modelo capitalista, inserido no ideário republicano. Espaço de informação e opinião, os jornais reuniram, no período, o melhor da intelectualidade da cidade, sendo os principais responsáveis pela configuração de um imaginário social de progresso e refinamento cultural, que renderam a Juiz de Fora o título de Manchester Mineira.

**Palavras-chave:** imprensa, memória, espaço urbano.

### **A imprensa e o projeto de Nação**

No Brasil, a implantação da imprensa foi tardia. No período colonial, o país não conheceu nem imprensa, nem universidade, ao contrário de outras colônias do continente. A imprensa só se instalaria, por iniciativa oficial, com a chegada da Corte de D. João, fugindo das tropas napoleônicas. No Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808, saiu o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*. (Antes disso, foram montadas algumas tipografias clandestinas, mas que não tinham o objetivo expresso de produzir jornais). Na colônia, devido à Censura Prévia e à orientação de que se desse primazia às informações administrativas, circularam poucas publicações e de má qualidade, mas, a partir da Independência, o número de impressos só aumentou. Em Minas Gerais, a imprensa apareceu em 1823, quando, a 13 de outubro, surgiu, em Ouro Preto, o *Compilador Mineiro*. O segundo jornal a aparecer, na mesma cidade, foi *A abelha do Itacolomi*, que circulou de 12 de janeiro de 1824 a 11 de julho de 1825, impresso numa tipografia simples, improvisada pelo chapeleiro Manuel Joaquim Barbosa Pimenta e Sal. Ainda em 1825, surgiram, em Minas Gerais, *O Universal*, *O Companheiro do Conselho*, *O Patriota Mineiro* e o *Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Gerais*. Chama a atenção o fato de que, em 1807, na cidade de Vila Rica, o padre José Joaquim Viegas de Menezes tenha cometido a proeza, extraordinária

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, no XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.

<sup>2</sup> Professora adjunta do Departamento de Televisão e Rádio da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFJF. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora do Programa de Educação Tutorial (PET) da Facom/UFJF. Coordenadora do Projeto de Extensão Comunicação Social para Grupos de Economia Popular Solidária de Juiz de Fora e Região e do Projeto de Treinamento Básico em Jornalismo, este último em parceria com a Organização Panorama de Comunicação. E-mail: musse@terra.com.br.



para a colônia, de publicar um opúsculo de 18 páginas, das quais 15 impressas. No entanto, esta foi uma atividade singular e única (Cf. SODRÉ, N., 1966; MELLO, 2003).

Mas é a partir do Segundo Império, que se torna mais clara a relação entre o projeto de um Brasil Moderno, ideário constante das lutas contra a escravidão e a monarquia, que possibilitaria a ascensão da burguesia industrial ao poder, no lugar das velhas oligarquias rurais, aliadas do escravagismo e do Império, e o desenvolvimento da imprensa. Na nossa opinião, a imprensa atuou como um catalizador das transformações sociais, na medida em que foi o espaço por excelência do debate intelectual, capaz de visualizar e antecipar tendências, que se concretizariam mais tarde no dia-a-dia das populações. Na imprensa do século XIX e do início do século XX, foi desenhada a imagem da Nação idealizada, construída sob um clima de intenso conflito. Nas páginas dos jornais, os relatos possibilitaram a criação do sentimento de pertencimento entre o homem e o território. Eles construíram o conceito do lugar (BHABHA, Homi K. , 1998).

Foi assim na cidade de Juiz de Fora, antigo entreposto de tropeiros, lugar de passagem, entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, que, a partir dos anos setenta do século XIX, começou a publicar seus primeiros impressos. Até então, segundo Albino Esteves (1915), eram poucos os assinantes de jornais da Corte e de Ouro Preto, que chegavam aqui através dos lombos de burros, de oito em oito dias<sup>3</sup>. Paulino de Oliveira (1966, p. 179), no seu livro *História de Juiz de Fora*, defende a idéia de que os pequenos jornais que circularam inicialmente na cidade, provavelmente não eram impressos em Juiz de Fora, porque, segundo ele, “não há a menor referência sobre a existência aí de oficina tipográfica antes de 1870”.

Albino Esteves (1915, p.317-333) afirma ter sido *O Constituinte* que, provavelmente, circulou no primeiro semestre de 1870, o primeiro jornal da cidade, ao qual sucederam mais de cem publicações, dentre jornais, almanaques e revistas, até o ano de 1900. Entre os jornais, houve aqueles que tiveram uma edição única, outros circularam por mais de um ano. Alguns eram ligados a partidos políticos, outros eram literários e ainda existiam os humorísticos. No período, a cidade chegou a contar com dez publicações diárias e muitas semanais. Nos títulos de vários desses impressos, já ficava evidente a defesa de um ideal, o projeto de uma cidade, o posicionamento político: *O Constituinte*, *O Imparcial*, *A Bússola*, *Echo do Povo* – de 1882, primeiro

---

<sup>3</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 16 jul. 1910, p.1.



órgão francamente republicano que apareceu na cidade -, *O Democrático, A Regeneração, Minas Livre*, dentre muitos outros. Na defesa de uma economia nos moldes que marcam a ascensão da burguesia, temos: *Commercial, O Progresso e Commercio de Juiz de Fora*, que apontam para o projeto mercantil que envolve a cidade no final do século XIX (ESTEVES, 1915). E ainda havia as publicações francamente religiosas: *O Metodista Católico*, de 1886, *Lar Católico*, de 1892, e *A Cruz*, de 1895 (OLIVEIRA, A., 1987, p. 47)<sup>4</sup>. Heitor Guimarães (1901, p. 79), jornalista e intelectual, não tem dúvidas quando considera a imprensa a “grande civilizadora” de Juiz de Fora.

Outros tipos de publicação que merecem registro, no final do século XIX, e seguindo uma tendência que se percebe em todo o país, são o almanaque e a poliantéia. Segundo Almir de Oliveira (1987, p. 55), “os almanaques, editados em forma de livro, continham informações úteis ao comércio, à lavoura e à indústria, curiosidades e colaboração literária”. Os almanaques foram publicados em Juiz de Fora, no período de 1887 a 1916. Já as poliantéias eram publicadas a propósito de algum fato ou pessoa, por motivo de comemoração ou homenagem. “A primeira foi editada no distrito de São José do Rio Preto, em maio de 1900, para comemorar o quarto centenário do descobrimento do Brasil; a segunda, em setembro daquele mesmo ano, em benefício da Liga Mineira contra a Tuberculose [...]” (*ibid.*, p. 55). Em 1926, Lindolfo Gomes organizou uma poliantéia em homenagem a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, eleito presidente do estado; em 1930, outra foi publicada em homenagem a Pedro Marques de Almeida, que fora eleito vice-presidente de Minas; e, em 1941, saiu a última em homenagem ao cinquentenário da Academia de Comércio (*ibid.*, p. 55).

Os relatos contidos nessas publicações do final do século são fonte documental inesgotável para o resgate da identidade da cidade. Nesses jornais, pode-se perceber claramente a presença de um ideal de construção do lugar. Observa-se o tom ufanista, quando se trata de falar das possibilidades da cidade. Juiz de Fora não era mais apenas uma nova fronteira, mas um “Eldorado”, que acenava com possibilidades para todos. Bom exemplo disso é este texto de Albino Esteves, que usava o pseudônimo de Lúcio d’Alva, ao escrever a série “O Theatro em Juiz de Fora” que, começou a ser publicada em 6 de julho de 1910, no jornal *O Pharol*<sup>5</sup>:

---

<sup>4</sup> Muitos outros jornais com orientação religiosa surgiram a partir de 1900, dentre eles, o primeiro jornal espírita que circulou na cidade: *Jornal Espírita*, de 1904 (OLIVEIRA, A., 1987, p. 47).

<sup>5</sup> Em abril de 1871, passou a circular, impresso em Juiz de Fora, *O Pharol*, que tinha sido fundado em Paraíba do Sul, por Thomaz Cameron. Em 1873, já era propriedade de Leopoldo Augusto de Miranda, com Georges Charles Dupin, na chefia de redação. O francês foi o introdutor do vapor como força motriz para máquinas de impressão, em Minas Gerais, e também foi proprietário do impresso, que teve outros vários donos e várias orientações políticas, durante

Juiz de Fóra, é, não o ignora pessoa alguma, cidade fadada a tornar-se em próximo lapso de tempo, como de facto se nota, o centro convergente, masculino, dignificador do trabalho são e honesto, dos empreendimentos magníficos. Nasceu modesta, desprezenciosa, no alpestre retiro, hodiernamente repleto de visões soturnas do passado – Morro da Boiada – embalada à toada nostálgica, terna e commovedora da viola sertaneja achegada ao peito rude do tropeiro, queixoso à hora morta da noite perfumada, esplendida, enluarada, perdido nestas longas da vida triste e só, visionario e simples... Do alto, espiava o esmeraldino tapete da varzea recortada pelo crystal oscillante e fértil do Parahybuna colleante, froslado, escoante, a fluir por entre o dorso das montanhas azues e magestosas... Fremia ao sol, virginal e tímida, adormecida entre flores e rosmaninhos cheirosos e a sua capella abria, par em par, evangelicamente, as portas aos caminheiros que vinham da Côte e avançavam, confiantes, sertão afóra, para tocar jubilosos, a Vila Rica<sup>6</sup> ...

Uma cidade de Juiz de Fora, que era próxima à antiga “Côte”, em oposição ao “sertão afóra”, aonde ficava a velha capital Vila Rica, e que, no início do século XX, se mostrava moderna, febril e “máscula” simbolizava, segundo Albino Esteves, o desejo daqueles que se aglomeram no centro urbano e se deleitam com a idéia do futuro promissor. Novidades não faltam, o jornal está repleto de anúncios que vendem roupas, remédios e máquinas. Muitas desses “reclames” são do comércio do Rio de Janeiro, especialmente de lojas da rua do Ouvidor, o que denota a forte conexão entre os dois centros urbanos, sintetizada na expressão “carioca do brejo”. Aliás, a expressão parece vir de longa data. Numa das colunas de Lucio d’Alva (Albino Esteves), que faz uma retrospectiva da história de Juiz de Fora, ficamos sabendo que, desde os tempos de Halfeld<sup>7</sup>, a cidade, chamada muitas vezes de “cidade dos pântanos”, já era alvo das troças da capital Ouro Preto:

Conta-se que, na capital da provincia, algumas pessoas, gracejando, costumavam a perguntar-lhe, quando levantaria a Cidade dos

---

sua longa existência, até o ano de 1939. *O Pharol* começou como semanário e passou a diário em 1885. Foi o mais importante periódico desse período, sendo, até hoje, uma fonte indispensável de pesquisa para aqueles que desejam reconstituir esta fase da história (OLIVEIRA, A., 1978, p.17).

<sup>6</sup> ESTEVES, Albino. O Theatro em Juiz de Fora (Apontamentos). *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n.157, p.1, 6 jul.1910. É bom que se registre que este foi o primeiro capítulo da série *O Theatro em Juiz de Fora*, depois, publicada em livro, com um total de 34 capítulos.

<sup>7</sup> Durante muitos anos, o engenheiro alemão Henrique Halfeld foi considerado como “fundador” da cidade de Juiz de Fora, pelo trabalho de urbanização ali desenvolvido. Pesquisadores como Paulino de Oliveira e Wilson de Lima Bastos defenderam esta posição, questionada depois por outros estudiosos. Durante o governo de Itamar Franco, como prefeito de Juiz de Fora, em 1973, o engenheiro Halfeld recebeu, oficialmente, o título de fundador da cidade.



Pantanos, e elle, em palavras revestidas de sotaque estrangeiro com que fallava, manifestava sempre esperanças firmes, de que em realidade se tornariam os seus sonhos<sup>8</sup>.

A vida cultural da cidade, de traços europeus, está sempre estampada na primeira página dos jornais:

Chegou hontem a esta cidade, como era esperado, o distincto literato Coelho Netto, que hontem realisou no Theatro Juiz de Fora a sua annunciada conferencia, tendo por thema – A Saudade. Á chegada do illustre homem de letras achava-se na *gare* da Central grande numero de admiradores. Em nome do “Gremio Literario Coelho Netto” saudou o grande escriptor o academico José do Patrocinio. Coelho Netto respondeu a saudação, em bello improviso, que despertou calorosos applausos<sup>9</sup>.

Na cidade cosmopolita, também fazem sucessos os cinemas. Na primeira página, há sempre pequenas chamadas sobre as atrações do dia:

O Cinema Pharol exhibe hoje um programma completamente novo e que há de fazer as delicias de seus frequentadores. Contar-se-ão por formidaveis enchentes as suas sessões de hoje á noite, porque o publico já está habituado a julgar o Cinema Pharol a mais caprichosa das casas de diversões da cidade e não deixará de vir applaudir a exhibição das sete deliciosas fitas que serão projectadas no panno branco. Junte-se a isto uma bella musica e estará descripta a noite no Cinema Pharol<sup>10</sup>.

Os intelectuais que discutem e escrevem sobre a cidade criam a Academia Mineira de Letras, que tem

[...] sua reunião de fundação em 25 de dezembro de 1909, na Câmara Municipal, onde foram lidos e aprovados os estatutos e regimento,

---

<sup>8</sup> ESTEVES, Albino. O teatro em Juiz de Fora (Apontamentos). *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n. 163, p.1, 13 jul. 1919.

<sup>9</sup> COELHO NETTO. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n.159, p.1, 8 jul. 1910.

<sup>10</sup> CINEMA Pharol. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n. 163, p.1.13 jul.1910. (Anúncio da programação).



efetuada a eleição que completaria o quadro de 30 membros permanentes (posteriormente dilatado para 40), indicados o presidente, secretários e tesoureiro, assim como os membros das comissões de contas, bibliografia e recepção (CHRISTO, 1994, p. 15).

Edificada sob o mesmo modelo que orientou a criação da Academia Brasileira Letras, no Rio de Janeiro, a organização de Juiz de Fora reunia acadêmicos que “se dedicavam, simultânea e predominantemente, ao jornalismo, ao magistério e ao serviço público” (*ibid.*, p. 45) e se movimentavam numa cidade em que a maioria dos habitantes eram “trabalhadores braçais, analfabetos, afastados dos espaços formais de produção e difusão cultural” (*ibid.*, p. 17). Entre os acadêmicos, vários vinham de setores sociais que tinham sofrido um processo de empobrecimento e alguns tiveram até mesmo dificuldade em alugar a casaca exigida para o comparecimento à cerimônia de fundação (GOMES *apud* CHRISTO, 1994, p. 51).

A imprensa de Juiz de Fora, especialmente aquela dos últimos anos do século XIX, foi alvo de muitos trabalhos, entre eles, podemos citar os de Heitor Guimarães e Albino Esteves, que foram da Academia Mineira de Letras, além de Edmundo Lys (pseudônimo de Antônio Gabriel de Barros Valle), jornalistas e intelectuais do período, que tiveram a preocupação de resgatar as origens dos primeiros jornais da cidade. Mais tarde, Paulino de Oliveira, Dormevilly Nóbrega e Almir de Oliveira, também homens de imprensa, se dedicariam a estudar períodos mais recentes, até meados do século XX. De qualquer forma, é importante que fique registrada a carência de trabalhos sobre a imprensa de Juiz de Fora, especialmente a partir da segunda metade do século passado.

## **Os jornais e a cidade moderna**

A primeira década do século XX está marcada por grande quantidade de periódicos de pouca duração e reduzida expressão. Para Almir de Oliveira (1978, p. 31), “merecem referência o semanário ‘O Inominável’, de Carlos Barroso, que circulou de março de 1905 aos meados de 1913, quando era publicado trimestralmente, teve prestígio e influência; a ‘Revista Médica de Minas’, do Dr. João Monteiro, [...], e o humorístico ‘O Sarilho’”. Sobre este último, escreveu o autor:



Em 1909, começou a circular “O Sarilho”, “semanário humorístico e anti-político” feito por Angélica dos Prazeres e Antônio da Costa Maria, ex-ator teatral. Angélica é um dos raros nomes femininos do jornalismo juizforano. Para seu tempo, numa cidade provinciana, sua atuação chegava a ser uma temeridade, ainda mais assim, como jornalista de crítica humorística (OLIVEIRA, A., *op.cit.*, p.39)

Almir de Oliveira registra que, entre os 201 periódicos que conseguiu classificar, fazendo uma pesquisa nos arquivos pessoais do jornalista Dormevilly Nóbrega, figuraram, entre 1885 e 1935, 33 folhas humorísticas (*ibid.*, p. 39).

A partir de 1920, cresce ainda mais o número de publicações em circulação:

Na segunda década deste século, dentre mais de três dezenas de periódicos lançados à circulação, vale pôr em relevo o ‘Diário Mercantil’, iniciado em janeiro de 1912; ‘O Dia’, em dezembro de 1917; o ‘Lar Católico’, em 1912; ‘A Batalha’, em agosto de 1920; ‘O Lince’, em janeiro de 1912 (*ibid.*, p. 31).

Sobre o *Diário Mercantil*, o jornal que durante mais tempo circulou em Juiz de Fora, vale destacar as seguintes observações de Paulino de Oliveira:

O Diário Mercantil apareceu em 1912. Suas oficinas e redação funcionavam na Av. Rio Branco, no lugar em que se acha a galeria Sirimarco. Pertenceu depois a uma empresa do Rio, a Transoceânica, quando tinha como redator-chefe, Pinto de Moura, e como redator-secretário, José Costabile. Passando às mãos dos drs. Antônio Carlos e João Penido<sup>11</sup>, obedecia deste a orientação política, sendo Tito de Carvalho, chefe de redação, e Rui Novais, secretário. Tito consagrou-lhe toda a sua vida. Nele ingressou como repórter, no ano de sua fundação, e dele só se afastou, por motivo de saúde, em 1931, quando a empresa foi incorporada aos Diários Associados (1966, p. 23).

O primeiro número do *Diário Mercantil*, sob a orientação de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Penido, aparece em 23 e janeiro de 1917. O jornal tem

---

<sup>11</sup> As ligações de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Penido com a imprensa são anteriores à aquisição do *Diário Mercantil*. Segundo Albino Esteves (1915, p. 324-325), em 1 de junho de 1897, Antônio Carlos comprou e assumiu a direção do *Jornal do Commercio*, que tinha sido fundado no ano anterior. Em 8 de outubro de 1899, ele foi substituído interinamente na direção por João Penido, que ficou no cargo até 9 de agosto de 1900.





quatro páginas, cinco colunas e vários anúncios. Os novos proprietários são candidatos a deputado pelo Partido Republicano Mineiro (filiado ao Partido Republicano Conservador), à época chefiado por Chrispim Jacques Bias Fortes. O editorial do primeiro número deixa claras as filiações do jornal e seu compromisso na defesa dos interesses da nova burguesia:

É evidente que não poderíamos pretender esse apoio [da opinião pública] se não afirmássemos desde logo que os interesses das classes productoras do paiz, quando legitimos, terão em o “Diário Mercantil” um advogado solícito e fiel.

E de defensores solícitos e fieis precisam sempre, especialmente nesta hora, a lavoura, o commercio e a industria, as tres grandes forças de onde promanam a riqueza particular e publica, e, portanto, o bem-estar do paiz.

O principal inimigo da forte expansão economica que essas tres forças são capazes de produzir em nossa patria, está no imposto, que se exprime, em o nosso paiz, por onerosissimas taxas. [...]

O “Diário Mercantil” terá de pugnar pela redução de impostos e taxas e de contrariar, *a fortiori*, qualquer tentativa de elevação por parte dos poderes publicos. [...]

Em um paiz novo a acção dos governos tem de se orientar no sentido de amparar e fortalecer a iniciativa particular, de modo que lhes cumpre planejar e executar medidas tendentes a esse nobre e proveitoso fim: quaes sejam ellas, eis o que teremos de indicar pelo tempo afóra, inscrevendo-as como parte importante do programa que teremos de realizar<sup>12</sup>.

Em 1922, com uma população de 118.166 habitantes<sup>13</sup>, Juiz de Fora tinha seis jornais diários: *O Pharol*, *Correio de Minas*, *Jornal do Commercio* e *O Dia* (matutinos); *A Tarde* e o *Diário Mercantil* (vespertinos) (LYS, 1922, p. 64). O *Lar Católico*, mantido pelos padres da Congregação do Verbo Divino, era um jornal semanal que, muitos anos mais tarde, em 1966, conseguirá a façanha de ser o jornal de maior circulação no estado de Minas Gerais<sup>14</sup>. Pela quantidade de jornais e revistas em circulação, Edmundo Lyz (1922, p.64) se refere a Juiz de Fora como “capital intellectual do Estado de Minas”. A expressão é ratificada, muito tempo depois, por Paulino de Oliveira<sup>15</sup> ao lembrar que, durante a década de 20, “enquanto na Capital do

<sup>12</sup>EDITORIAL. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano 1, n. 1, p.1, 23 jan. 1917.

<sup>13</sup> Este dado referente à população de Juiz de Fora (1920) foi publicado no jornal *Tribuna de Minas*, em edição de 1 set.2004, com base em informações do IBGE.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Paulino. A imprensa em Juiz de Fora antes de 1930. *Revista do IHG de JF*, Juiz de Fora, ano 2, n.2, p.24,1966.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p.24.





Estado havia apenas três jornais diários, aqui, se editavam sete, nenhum deles inferior aos de lá”<sup>16</sup>. Almir de Oliveira (1978, p. 32) resgata, nos anos 20, o aparecimento de *O Lampadário* e *A Tarde* (1920); do humorístico *O Parafuso* (1922) e da *Gazeta Comercial* (1924), além de outros trinta e tantos jornais e revistas de vida transitória.

Com relação aos jornais que circularam neste período, vale destacar a atuação do *Correio de Minas*, que abrigou um grupo de jovens intelectuais juizforanos, simpatizantes do movimento modernista, que explodira em São Paulo, na Semana de 22. O grupo se organizou em torno da coluna *Crônica Semanal* que, a cada dia, apresentava o texto de um colaborador:

Os assuntos foram distribuídos do seguinte modo: às terças-feiras, “O dia humorístico”, escrito por Antônio Gomes; às quartas-feiras, “O dia artístico”, por Lage Filho; às quintas-feiras, “O dia fútil”, por Henrique Resende; às sextas-feiras, “O dia literário”(prosa), por Mário Ruiz; aos sábados, “O dia político”, por Sales Oliveira e aos domingos, “O dia literário”(poesia), por Edmundo Lys (NÓBREGA, 2001, p. 96).

Segundo Paulino de Oliveira (*op.cit.*, p. 26), até 1930, nenhum jornal da cidade circulou com mais de quatro páginas, a não ser em edições extraordinárias. Apesar de, nos grandes centros, como bem observa Nelson Werneck Sodré (1966), a imprensa já ter deixado de lado, desde o início do século, o caráter artesanal, adequando-se a um modelo capitalista de produção e divisão de trabalho, em Juiz de Fora, sobrevive ainda um modelo bastante “familiar”. Para P. de Oliveira (*op.cit.*, p. 26), “imprensa não era meio de vida. Não dava camisa a ninguém”. A folha de pagamento, segundo ele, era pequena e de valor pouco expressivo, os colaboradores nada ganhavam e não existia “matéria paga”, quase tudo era publicado de graça:

---

<sup>16</sup> O ar cosmopolita rendeu muitos títulos à cidade: “Artur Azevedo batizou-a como ‘Atenas’, Coelho Neto chamou-a ‘Princesa de Minas’ e Rui Barbosa crismou-a como ‘Barcelona’. Outros apelidaram-na ‘Princesa da Mata’ e ‘Princesa do Paraibuna’, mas muito antes, alguém a aclamara ‘Manchester’. Se perdeu todos aqueles títulos, em benefício de Belo Horizonte, conserva este de pleno direito. Parece-me que foi Mr. Morrit, fundador da primitiva Fábrica dos Ingleses [ como ficou conhecida a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, criada por uma associação de ingleses, em Juiz de Fora, durante o século XIX] e a quem Richard Burton [fotógrafo e escritor inglês que percorreu a estrada União Indústria, no século XIX] se refere como tendo guiado ‘a última mala postal para Manchester em 1841’, que lhe deu esse título. E não lhe deu por ser a cidade mais industrial do Estado, mas em recordação do nome de sua cidade natal e na suposição, confirmada depois, de que nela se concentraria o grosso da indústria têxtil em Minas. Por isto é que ele permanece” (OLIVEIRA,P., *op.cit.*, p. 24).

A salvação eram as mensagens presidenciais, do presidente da República e do presidente do Estado, que todos os jornais publicavam, em resumo ou na íntegra, conforme o seu prestígio junto ao governo, por intermédio de algum deputado. A “bolada” dava, às vezes, para manter a empresa durante um ano. Contrato com o Município, no entanto, não interessava, pois exigia a divulgação gratuita do expediente diário em troca de pequena importância fixa, por mês, para publicação de leis, decretos, portarias e tudo o mais, inclusive o relatório anual, com a prestação de contas do chefe do Executivo (*ibid.*, p. 26).

As condições de trabalho e de produção eram difíceis, mas isso não fez desaparecer a curiosidade e a criatividade dos juizforanos quando a palavra de ordem era “ser moderno”, por isso é bom que fique registrado que a primeira emissora de rádio de Minas Gerais (e a segunda do Brasil) foi montada, em Juiz de Fora, nos idos de janeiro de 1926, na casa de José Pinto Cardoso Sobrinho, na rua Tiradentes. A PRA-J, primeiro prefixo da emissora, funcionava e tinha um alto-falante no antigo prédio da redação de *O Pharol*, no centro de Juiz de Fora. Quando, em 1929, foi organizada a Rádio Sociedade de Juiz de Fora, todo o material da primeira emissora foi doado à mesma. A Rádio Sociedade, com prefixo PRB-3, foi instalada em parte do pavilhão existente no Parque Halfeld, onde funcionava a Biblioteca Municipal (NÓBREGA, 2001, p. 83)<sup>17</sup>.

Até 1930, Juiz de Fora é considerada uma espécie de centro jornalístico do estado. “A liderança nesse setor dá à cidade condições de criar a Associação da Imprensa de Minas Gerais, em 1921, com o propósito de fazer oposição à Sociedade Mineira de Imprensa, sediada em Belo Horizonte, fundada no ano anterior” (YAZBECK, L., 1999, p. 154).

Na década de 30, Almir de Oliveira (1978, p. 32) registra o aparecimento de mais duas dezenas de periódicos, entre os quais o pesquisador destaca, pela duração e sentido que tiveram, *A Tribuna*, que começou em maio de 1930 e cessou em fins de 33, com o nome de *Tribuna do Povo*; *O Medium*, de agosto de 1932 a 1950; *O Sigma*, jornal integralista, de 1934 a 1936; a *Folha Mineira*, que surgiu em março de 1934 e parou de circular somente em 1977; a *Folha da Manhã*, que circulou dois anos, a partir de fevereiro de 1935. Sobre este último, Dormevilly Nóbrega (2001, p. 100) destacou a qualidade dos colaboradores: Viriato Correia, Murilo Mendes, Raul Azevedo, Múcio Leão e Monteiro Lobato, entre outros. No espaço da terceira página, dedicada às

crônicas, apareceram muitos textos de Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Edmundo Lys, além de vários outros autores de referência do período.

Apesar do caráter ainda bastante rudimentar, é inegável que a imprensa do início do século XX já começa a ganhar características capitalistas e que uma classe operária emergente se forma na cidade de Juiz de Fora, embora a ainda incipiente organização do trabalho<sup>18</sup>. Os tipógrafos, por exemplo, já se organizam numa associação (Associação Tipográfica Beneficente Mineira), que é anterior a 1906. No período que vai até 1924, eles ainda vão organizar outras duas associações: o Centro de Resistência dos Gráficos de Juiz de Fora (fundado em 24 de outubro de 1920) e a Associação Gráfica Juizdeforana (fundada em 19 de junho de 1924). Nesse período de 18 anos, Juiz de Fora verá ser organizado um total de 12 associações operárias (ANDRADE, 1987, Anexo 16). Os gráficos formam uma categoria profissional bastante ativa, com participação intensa nas greves gerais que agitaram a cidade nos anos de 1912, 1920 e 1924 (*ibid.*, Anexo 17). Juiz de Fora também teve uma ativa imprensa operária, criada com o objetivo de defender os interesses dos trabalhadores em contraposição à imprensa burguesa. Não vamos nos deter aqui, pelo fato deste não ser o objeto primeiro de nosso artigo, mas, certamente, a imprensa operária de Juiz de Fora merece uma investigação detalhada, desafio ainda não realizado. Os veículos impressos ligados ao movimento dos trabalhadores e citados no trabalho de Almir de Oliveira (1987, p. 43) são os seguintes: *O Operário*, de 1905; *O Braço Operário*, de 1921; *Gazeta Operária*, de 1930; *O Sindicalista*, de 1931; e *O Trabalhista*, de 1933.

As condições de vida do proletariado em Juiz de Fora, a exemplo do que ocorria no restante do país, mal lhe permitiam a sobrevivência. Sílvia Maria de Andrade aponta a carestia de vida, os problemas de moradia e os salários insuficientes como os maiores problemas das duas primeiras décadas do século XX, sem falar nas condições de trabalho nas fábricas, que, às vezes, incluíam uma jornada de mais de 14 horas diárias, acidentes numerosos e a violência contra empregados, até mesmo o espancamento (ANDRADE, 1987).

Na década de 40, a cidade dos escritores, da imprensa e das letras parece viver o ritual de passagem para uma outra área de influência, o rádio e o cinema, mesmo assim,

---

<sup>17</sup> Em 1951, a Rádio Sociedade vai ser transferida para nova sede, na rua São João, centro da cidade.

<sup>18</sup> Domingos Giroletti (1988, p. 73) demarca dois momentos distintos na industrialização de Juiz de Fora: o primeiro, nas últimas décadas do século XIX, com predomínio de pequenas fábricas, de baixa produção e produtividade; o segundo, a partir do início do século XX, com a criação de grandes e médias indústrias locais, com as características da produção em série, maior contingente operário, tecnologia importada mais sofisticada, uso da energia elétrica como força motriz, dentre outras.



o jornal impresso continua a ser referência para a população alfabetizada. Em 1940, a imprensa periódica em Minas conta com 273 publicações, sendo 93 pertencentes à Zona da Mata (WIRTH *apud* YAZBECK, L., 1999, p. 154). Segundo Almir de Oliveira (1978, p. 32), vale registrar o lançamento, na época, de dois novos periódicos: o *Diário da Tarde*<sup>19</sup>, que pertencia ao grupo dos Diários Associados, e começou a circular em 1942, e o *Correio da Mata*, lançado no mesmo ano e que foi mais irregular. Com relação ao *Diário da Tarde*, Márcia Regina Gonçalves Andreola (1995, p. 15) lembra que ele é criado com o objetivo de substituir uma segunda edição diária do *Diário Mercantil* que, durante algum tempo, além de matutino, foi também vespertino. “Jornal mais popular, diferente da linha conservadora mais elitista imposta pelo *Mercantil*, o *Diário da Tarde* era vendido na porta das fábricas, quando às 4 horas da tarde, os operários encerravam a sua jornada e levavam o jornal para suas casas para acompanharem o noticiário”. Depois de algum tempo, o *Diário da Tarde* vai passar a circular às 10 horas da manhã.

Entre os outros diários que circulam, estão a *Gazeta Comercial*, a *Folha Mineira* e o *Diário Mercantil*. Neste último, fazem sucesso a coluna *A imprensa na Câmara*, de Almir de Oliveira, e o *Suplemento Dominical*, que reúne cultura e comportamento. Em relação às rádios que existiam na cidade, vale o registro da compra da Rádio Sociedade, em 1947, por Assis Chateaubriand.

Fato curioso que envolve a imprensa de Juiz de Fora é a fundação, em 22 de novembro de 1941, do “Sindicato dos Proletários, Intelectuais e Militantes na Imprensa de Juiz de Fora”, futuro Sindicato dos Jornalistas Profissionais da cidade, a “carta sindical nº 1”, em Minas Gerais, o que valeria, anos depois, segundo o ex-presidente da entidade, jornalista Irven Cavallieri, muitos comentários maldosos do pessoal de Belo Horizonte:

Nós sempre participávamos de Congressos de Jornalistas pelo Brasil afora. Eu participei de uma maneira ativa, mesmo antes de ser presidente. Sempre participei de conferências e congressos jornalísticos pelo Brasil. Pela federação, e pelo sindicato também. O Sindicato de Juiz de Fora levava sempre uma delegação, porque, naquela época, os sindicatos só existiam nas capitais e Juiz de Fora e Santa Maria, no Rio Grande do Sul, eram as únicas cidades do interior que tinham sindicato. Então, Minas Gerais ficava com um ódio tremendo porque, na hora de votar, eram dois votos dos jornalistas profissionais de Minas Gerais. Belo Horizonte tinha jurisdição sobre

---

<sup>19</sup> Assis Chateaubriand já tinha adquirido, na década de 30, o jornal *Diário Mercantil*.



todo o estado de Minas, menos Juiz de Fora, então, a gente brincava que éramos o Sindicato dos Jornalistas Independentes de Juiz de Fora<sup>20</sup>...

Em termos culturais, é indispensável que se registre, no ano de 1944, a criação da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora – Fafile, que até a sua incorporação definitiva, em 1968, à Universidade Federal de Juiz de Fora, é um centro formador da elite intelectual que, nos anos seguintes, vai repensar a cidade. A Fafile é resultado da ação de intelectuais ligados ao movimento católico (YAZBECK, L., 1999, p. 133). A Faculdade ministra até 1965 os cursos de Ciências Sociais, Geografia e História, Letras, Letras Neolatinas e Didática, e um curso de Jornalismo, iniciado em 1958 e reconhecido em 1965 (*ibid.*, p. 138).

Podemos considerar a década de 40 como uma data limite para o objetivo deste artigo que pretende evidenciar de que forma a imprensa escrita de Juiz de Fora influenciou a construção da cidade como espaço público, compartilhado por seus cidadãos. A partir da década de 50, vamos notar, cada vez mais, a área de influência sendo deslocada da mídia impressa para os meios eletrônicos, inicialmente, o rádio, e, finalmente, a televisão. Portanto, para este artigo, consideramos o período de 1870 a 1940, que cobre setenta anos de jornalismo em Juiz de Fora. Neste período, a configuração entre a cidade moderna e capitalista e as narrativas produzidas sobre ela nas páginas dos jornais dão conta de um centro urbano ordenado, conservador, regido por uma severa moral e disciplina. Apenas algumas décadas mais tarde, o modelo será rompido, com a ascensão de novas elites, o crescimento da cultura de massas e o aparecimento de um novo imaginário em relação ao espaço urbano, desta vez, moldado pelo desenvolvimento das telecomunicações e povoado de imagens até então desconhecidas, responsáveis por estabelecer vínculos novos e diferentes entre a cidade e seus habitantes.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Sílvia Maria Belfort Vilela de. *A classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912/1924)*. Juiz de Fora: EdUFJF, 1987.

---

<sup>20</sup> Os trechos da fala do jornalista Irvan Cavallieri foram retirados de depoimento, que faz parte dos Anexos da monografia de Márcia Regina Gonçalves Andreola – *Diário Mercantil, um marco no jornalismo de Juiz de Fora*, UFJF, 2. sem. 1995.



ANDREOLA, Márcia Regina Gonçalves. *Diário Mercantil*: um marco no jornalismo de Juiz de Fora. Projeto experimental. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 1 sem. 1995.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glácia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “*Europa dos pobres*”: a belle-époque mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

CINEMA Pharol. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n. 163, p.1.13 jul.1910. (Anúncio da programação).

COELHO NETTO. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n.159, p.1, 8 jul. 1910.

EDITORIAL. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano 1, n. 1, p.1, 23 jan. 1917.

ESTEVES, Albino. O Theatro em Juiz de Fora (Apontamentos). *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n.157,p.1, 6 jul.1910.

\_\_\_\_\_. *Álbum do município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. 530p. (Reedição feita, em 1989, pela Prefeitura de Juiz de Fora; edição fac-similar pela Esdeva Empresa Gráfica de Juiz de Fora).

GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora 1850/1930*. Juiz de Fora: EdUFJF, 1988.

GUIMARÃES, Heitor. *Juiz de Fora no século XIX*. Juiz de Fora: Typographia Central, 1901.

LYS, Edmundo. A imprensa em Juiz de Fora. In: CAMPOS, Sandoval; LOBO, Amyntas. *Imprensa mineira: memória histórica*. Ed. comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Belo Horizonte: Typ.Oliveira, Costa & Comp, 1922. p. 63-75.

MELO, José Marques de. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 186p.

NÓBREGA, Dormevilly. *Juiz de Fora – sinais de uma história*. In: Catálogo da Exposição Artistas de Juiz de Fora. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 7 a 22 nov. 1978.

\_\_\_\_\_. *Revedo o passado: memória juiz-forana*. 3.série. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 2001.

OLIVEIRA, Almir de. *A imprensa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: datilog.. Palestra apresentada no Museu Nacional de Belas Artes (RJ), 1978.

OLIVEIRA, Paulino. A imprensa em Juiz de Fora antes de 1930. *Revista do IHG de JF*, Juiz de Fora, ano 2, n.2, p.20-29,1966.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

YAZBECK, Lola. *As origens da Universidade de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 1999.

